

# Portuários contestam CST

Dois sindicatos de portuários contestaram as informações divulgadas pela CST sobre o trabalho no porto de Praia Mole. Segundo os sindicatos, de estivadores e conferentes, são “mascaradas” as informações apresentadas pela empresa indicando que numa jornada diária de trabalho eles permanecem 83% do tempo sem fazer nada. Os sindicatos sustentam que os trabalhadores permanecem parados em decorrência de fatores totalmente alheios à sua vontade, o principal dos quais a falta de eficiência do sistema de transporte de placas da siderúrgica para o porto. “Na maioria dos casos, falta material para ser embarcado”, disse o engenheiro Luís Fernando Barbosa Santos, presidente dos conferentes.

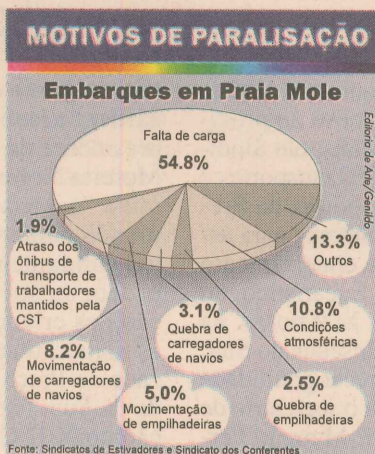
Outro grande motivo da paralisação dos trabalhadores seria a movimentação de equipamentos, como empilhadeiras e carregadores. Luís Fernando explicou que nos momentos em que esses equipamentos são movimentados, estivadores e conferentes precisam mesmo parar, pois suas atividades seriam prejudicadas pelas máquinas, fora o risco de acidentes. Condições atmosféricas adversas, chuva, por exemplo, também contribuiriam para paralisar o serviço. A quebra de equipamentos viria em

seguida. Finalmente, o atraso dos ônibus da CST que levam os estivadores até seus locais de trabalho.

Os sindicatos também contestam os números fornecidos pela CST na comparação de Praia Mole com portos estrangeiros. Segundo a CST, são necessários até 15 homens por porão de navio em Praia Mole, enquanto em Roterdã, na Holanda, são apenas 6. Segundo os sindicatos, as operações de Praia Mole não exigem mais que oito homens e um especialista. Os sindicatos não contestam apenas

os números fornecidos pela CST, mas também a própria comparação. “Não se pode comparar portos que usam equipamentos diferentes e que movimentam cargas diferentes”, disse Luís Fernando.

Os sindicatos, no entanto, também fazem suas comparações. Afirmam que os custos em Praia Mole são dos menores do mundo. Citando estatísticas fornecidas pelo III Congresso Nacional de Contêineres e Transporte Multimodal, realizado de 23 a 26 de maio do ano passado em Vitória, eles dizem que o custo de embarque de um contêiner pelo sistema portuário capixaba fica em torno de US\$ 200, contra US\$ 374 no Rio e US\$ 557 em Santos. Em Gênova seria de US\$ 283 e em Nova Iorque, 346.



Clóvis Lisboa, diretor do Sindicato dos Estivadores, dá sua versão sobre os salários. Ele acha absurdos os valores fornecidos pela CST, de US\$ 66 mil anuais por trabalhador portuário, e diz que os estivadores de sua base sindical não ganham mais que R\$ 1.500,00 mensais, em média. No caso dos conferentes, a média seria de até R\$ 3.000,00. Clóvis destaca que os sindicatos não cobram taxa de 17% sobre os salários, por conta de despesas administrativas. Segundo ele, a taxa é de 8% e substitui o imposto sindical, que nos sindicatos da área portuária não é cobrado.

### ■ Curto Prazo ■

Os estivadores aproveitam a deixa para condenar a CST no item dos acidentes de trabalho. Segundo eles, houve 137 acidentes entre 93 e 95, resultando em três mortos e dois incapacitados permanentemente. Neste ano de 96 já teriam ocorrido dois acidentes fatais. Um documento do sindicato revela que existe um índice para medir o problema e que o nível aceitável é de 50. Em 93 esse índice teria sido de 384,59; em 94, de 224,34; em 95, de 128,19. Um outro índice, de gravidade de acidentes, teria um nível normalmente aceitável de 1.500 para o setor, mas nos portos capixabas teria sido de 391.557 em 94 e de 171.432 em 95.



“O porto de Praia Mole, juntamente com o seu tipo de carga, ou seja, produtos siderúrgicos, foram responsáveis por 80% da ocorrência de acidentes por porto e por tipo de carga”, revela o estudo, que acrescenta: “O ambiente de trabalho agressivo já deixou cerca de 46%

da classe com deficiência auditiva, além de outras sequelas, como pressão alta e outras”. O documento admite que, apesar disto, os acidentes têm diminuído a cada ano como resultado da conscientização dos trabalhadores para a necessidade de prevenção. Segundo os sindicatos de estivadores e conferentes, a CST não tem providenciado serviços de assistência médica aos trabalhadores; o serviço seria deixado inteiramente por conta dos próprios sindicatos.

